

# SOCIEDADE PALIATIVA – A DOR HOJE

## PALLIATIVE SOCIETY – PAIN TODAY

Ana Paula Ferreira Felizardo<sup>1</sup>

<http://orcid.org/0000-0001-6495-4303>

Alexsandro Galeno Araújo Dantas<sup>2</sup>

<http://orcid.org/0000-0001-5103-0339>

Byung-Chul Han é um dos mais aclamados filósofos da atualidade, notabilizando-se internacionalmente com o ensaio sobre a sociedade do cansaço. Ele nasceu em Seul, em 1959. Primeiramente, estudou metalurgia na Coreia do Sul, mas nos anos 1980, seduzido pela literatura, migrou para a Alemanha vindo a optar posteriormente pela Filosofia. Concluiu a sua formação na Universidade de Freiburg e se dedicou aos estudos da literatura alemã e de teologia na Universidade de Munique. Em 1994, fez a sua tese de doutorado sobre Martin Heidegger. Atualmente, é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Faculdade de Artes da Universidade de Berlim<sup>3</sup>, onde dirige um programa de estudos gerais<sup>4</sup>.

Após um ano da crise sanitária da covid-19, em 2021, chegou ao Brasil a versão em português do livro *Sociedade paliativa – A dor hoje*. A obra está estruturada em onze capítulos. Nesta resenha, os autores privilegiam indicar os pontos estruturantes para a compressão da crítica do teórico ao fenômeno da dor na contemporaneidade, assegurando fidelidade à linguagem adotada pelo filósofo, com vista a ficar o mais próximo possível de sua obra, pois consideramos que constitui importante contribuição para o debate de fenômenos relevantes nas práticas sociais brasileiras.

O ensaísta iniciou os seus argumentos recuperando a expressão *Algofobia*, cujo significado é o medo mórbido da sensação de dor. O teórico filia-se ao entendimento de que a relação do sujeito com a dor diz muito da sociedade em que vivemos, pois a dor seria uma

<sup>1</sup> Bacharel em Direito. Mestre em Ciências Sociais. Doutoranda na linha de pesquisa cultura, conhecimento e comunicação, pela Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte. Pesquisadora – Colaboradora do Humanitas - Instituto de Estudos Integrados da UFRN. E-mail: anapaulafelizardo.ufrn@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais pela UFRN (1996) e doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP (2002). Pós-Doutorado pela ECA-USP (2015). Pós-Doutorado pela UnB (2022). É professor associado da UFRN, lotado no Instituto Humanitas de Estudos Integrados, com participação em ensino de graduação e pós-graduação, pesquisa e extensão. Tem experiência nas áreas de Sociologia e Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura e comunicação; pensamento complexo; literatura e sociedade; sociedade digital. E-mail: alexgalenno@gmail.com

<sup>3</sup> Disponível em: <http://vozes.com.br/autor/?id=133>. Acesso em: 7 out. 2023.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/byung-chul-han-mostra-nos-a-sociedade-do-cansaço-e-da-individualidade/>. Acesso em: 7 out. 2023.

mensagem cifrada que contém a chave para o entendimento de toda a sociedade. A dor diz dos sujeitos em seus processos subjetivos e sociais. Desse modo, é necessário convocar as implicações da sociedade no sofrimento humano. Segundo o autor, cada crítica da sociedade tem de levar a cabo a hermenêutica da dor. Isso porque, na visão de Han (2022a, p. 9), “caso se deixe a dor a cargo da medicina, deixamos escapar o seu caráter de signo”.

Prossegue estabelecendo que a *algofobia* sugere angústia generalizada diante da dor que resulta em anestesia permanente. Isso produz uma baixa tolerância à dor. A dor é repelida. A mínima chance de sofrer já varre a possibilidade de entrega às dinâmicas da vida. Toda condição dolorosa é evitada. Até as dores de amor tornam-se suspeitas. Certamente, esse próprio processo de evitação da dor já produz sofrimentos nos sujeitos. Na visão de Han, a algofobia se prolonga no social. Os conflitos e controvérsias que poderiam levar a confrontações dolorosas têm cada vez menos espaço.

Segundo o teórico, nem a política está alheia à algofobia. A política perde vitalidade na sociedade paliativa. Nessa direção, a pós-democracia seria uma democracia paliativa. Para fazer frente à democracia paliativa, ele propõe, à luz do pensamento de Chantal Mouffe, uma democracia agonística que não evita confrontações dolorosas. Defende que a política paliativa não tem qualquer coragem para a dor.

Convém ressaltar que o sociólogo Alex Galeno, no artigo *Algofobia política*<sup>5</sup>, assevera:

As dores contêm um conteúdo político por excelência, pois a ausência delas significa conformidade em busca de amplos consensos. Somos coagidos a não divergir nem a nos revoltar. Não importa se o aliado do presente carregue marcas de um passado golpista ou corruptível. Ora, se somos praticantes de políticas paliativas, seremos também incapazes de reformas significativas e profundas da sociedade. Assim, de tanto adiarmos o essencial em nome da urgência do pragmatismo político, perdemos a urgência do essencial no presente (Galeno, 2022, p. 1).

Ademais, Byungh-Chul Han problematiza conceitos já articulados na sociedade do cansaço (Han, 2022b), quando aborda que a sociedade do desempenho é marcada pelo excesso de positividade que busca se desonerar de toda forma de negatividade. A dor é uma expressão pura e simples da negatividade, que vem a ser uma expressão, uma marca, um símbolo de fracasso com o qual o sujeito do desempenho busca dissociar-se. Sentir dor é sentir-se fracassado. Na sociedade paliativa, a dor é vista como um sinal de fraqueza e, portanto, é algo que deve ser ocultado ou eliminado por meio da otimização. A dor é incompatível com o desempenho. Em síntese, Han problematiza que a passividade do sofrer não tem lugar na sociedade ativa dominada pelo poder, que preconiza o excesso de positividade.

A sociedade paliativa constitui uma crítica por excelência à migração da psicologia do sofrimento para a psicologia da positividade que se ocupa do bem-estar, da felicidade e do otimismo. Na visão do teórico, a psicologia positiva submete a própria dor a uma lógica de desempenho. Nomeia de ideologia neoliberal da resiliência o processo que transforma experiências traumáticas em catalisadores para o aumento do desempenho. Até a resiliência passa a ser monetizada. Observam-se, nas redes sociais digitais, inúmeros casos de

<sup>5</sup> Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2022/04/algofobia-politica>. Acesso em: 7 out. 2023.

peças que alcançaram a condição de *influencers* após publicizarem como lidaram com situações adversas.

Neste ensaio, há uma crítica à indústria farmacêutica com as pílulas da felicidade que prometem assegurar a existência de uma vida sem dor. A dor passou a ser vista como um escândalo. No contexto do Brasil, segundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), entre 1º de janeiro de 2014 e 31 de dezembro de 2021, o Brasil comprou 345,5 milhões de caixas dos ansiolíticos mais vendidos: Frontal, Lexotan, Rivotril, Valium e Lorax. Clonazepam, nome medicinal do Rivotril, é o mais vendido no Brasil, com mais de 10 milhões de caixas anualmente (47%). Em seguida, vem o Alprazolam (Frontal) e o Bromazepam (Lexotan). A cada hora, em média, 5.144 caixas são vendidas nas farmácias e drogarias, um total de 123,5 mil caixas por dia<sup>6</sup>.

Discorre o filósofo que a sociedade paliativa é uma sociedade do curtir. Nesse ponto, resta evidente que ele traz elementos desenvolvidos anteriormente no livro *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* quando afirma que o “curtir é o amém digital” (Han, 2018, p. 24), e acrescenta que a sua aparência liberal e afável estimula e seduz e o poder inteligente é mais efetivo do que qualquer um que ordene, ameace e prescreva. Em *Sociedade paliativa*, em tom provocativo, o(a) leitor(a) é instigado a pensar que a vida passou a ser instagramável mas, sob o império do curtir, é retirada a dimensão purificadora do sofrimento porque, na superfície da cultura de curtição, inexistente a possibilidade da catarse.

Um dos pontos altos do livro é o avanço que ele traz para a categoria *inferno do igual*, conceito que ele sustentou originalmente no ensaio *Agonia do eros*. Em *Sociedade paliativa*, o autor exprime que a vida que recusa toda dor é uma vida coisificada. Só o ser tocado pelo outro mantém a vida viva. Caso contrário, ela permanece presa no inferno do igual.

Uma parte importante do ônus argumentativo do filósofo é para explicar que a dor é uma formação cultural complexa. Han explica que corpos martirizados são a insígnia do poder. Corpos martirizados não têm mais lugar na sociedade disciplinar, que está direcionada à produção industrial. Nasce o corpo hedonista na sociedade do desempenho neoliberal e, neste, a dor é totalmente sem sentido e sem utilidade. Assim, a nova forma de dominação é a do imperativo “seja feliz”. A positividade da felicidade reprime toda a dor. O sujeito se supõe livre, sem qualquer coação estranha, ele explora a si mesmo. O imperativo “seja livre” produz uma coação que é mais dominante do que seja obediente. Essa dimensão atravessa o pensamento do autor ao descrever a modelação das subjetividades na sociedade paliativa.

De acordo com Han, na contemporaneidade, cada um se ocupa de si mesmo em vez de interrogar criticamente as relações sociais. O sofrimento pelo qual a sociedade seria responsável é privatizado, passa a ser uma condição individual do sujeito que sofre. Prossegue realizando uma crítica demolidora sobre a lógica da psicologia positiva que sela o fim da revolução. O filósofo compreende que o dispositivo da felicidade individualiza

<sup>6</sup> Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/ansiedade-brasil-vende-123-mil-caixas-de-remedio-tarja-preta-por-dia/> Acesso em: 7 jul. 2023.

o ser humano e leva à despolitização e dessolidarização da sociedade. Cada um passa a cuidar de sua própria felicidade. Em contrapartida, o sofrimento é interpretado como resultado do próprio fracasso do indivíduo, logo, em vez de se produzir revolução, produz-se depressão. Isso porque, ocupar-se de si mesmo impede de perquirir as rejeições sociais e as dores comuns. Leciona que o fermento da revolução é a dor sentida em comum. A sociedade paliativa despolitiza a dor ao medicalizá-la e privatizá-la. Na visão do ensaísta, a dor é socialmente mediada. A dor reflete rejeições socioeconômicas que se inscrevem tanto no psiquismo como no corporal. A medicalização da dor impede a sua crítica porque suprime o caráter social. Considera que a sociedade se imuniza contra a crítica. Uma das principais lições do ensaio é a ênfase de autorizar que o sofrimento se torne eloquente como condição de toda a verdade.

Na intelecção de Han, há associação da sociedade paliativa com a sobrevivência, que absolutiza o sobreviver a qualquer custo. Han trabalha com a ideia de que, para sobreviver, é sacrificado voluntariamente tudo o que faz a vida digna de ser vivida. Afirma que falta ao capitalismo a narrativa da vida boa. O capitalismo absolutiza a sobrevivência que nutre a crença inconsciente em que mais capital significa menos morte. O capital é acumulado contra a morte.

Prossegue sustentando que a dor não desaparece. Ela muda de manifestação. Evidencia o paradoxo de que, na sociedade paliativa que foge da dor, nunca se sofreu tanto de dores crônicas, vindo a traçar um paralelo entre a ideia da violência da negatividade decorrente das repressões como fontes de sofrimentos e o excesso de positividade com o qual as pessoas se lançam à exaustão no hiperdesempenho, na hipercomunicação e na hiperestimulação. É o processo que Han denuncia de explorar a si mesmo acreditando que está se realizando até desmoronar.

Trata-se de um livro indispensável para ressignificar a experiência da dor que, na visão do autor, é a parteira do novo e do inteiramente outro, pois a dialética da dor é constitutiva para o pensamento. Para Han, sem a dor, é impossível aquele conhecimento que rompe com o que foi. A dor elastece o pensamento. Crescer dói, mas nós queremos.

## REFERÊNCIAS

GALENO, Alex. Algodobia política. **Agência saiba mais**. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2022/04/algofobia-politica>. Acesso em: 7 out. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa** - a dor hoje. Petrópolis: Vozes, 2022a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2022b.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Belo Horizonte: Ayiné, 2018.